

Madrid.



Madrid, capital da provincia de Castella Nova, e da vasta e rica monarchia hespanhola, está edificada em uma planicie areienta e esteril, cercada de elevadas montanhas, em 5° 53′ de longitude O., 40° 35′ de latitude N., e a 1.800 pés sobre o nivel do mar.

Referem os archeologos que Madrid occupa o logar de uma antiga povoação, que tinha o titulo de *Mantua Carpetanorum;* o nome de Madrid, porém, parece ser de origem arabica, e significar *cidade do bom ar.*

No tempo dos godos era Madrid apenas um logarejo sem importancia, buscado apenas, na estação calmosa, pela frescura e salubridade de ares, e sujeito aos arcebispos de Toledo.

Em 1109 tomaram-no os mouros, fazendo-lhe por essa occasião uma cêrca de muralhas, e mudando-lhe o nome no que hoje tem.

Henrique III, rei de Castella, a restaurou e engrandeceu por 1400.

A grandeza todavia d'esta povoação data verdadeiramente de Carlos V, que a escolheu para residencia ordinaria, começando desde logo a affluir muita gente das visinhanças, attrahida pelos esplendores da corte do grande e magnanimo imperador.

Filippe II, finalmente, a constituiu, em 1563, capital dos seus vastos dominios; e na verdade afigura-se-nos que a escolha do terrivel *demonio do meio-dia* não podia ser mais acertada. Collocada no centro da nossa peninsula, Madrid é a cabeça e o coração da Hespanha; d'alli parte a acção para todos os pontos da monarchia; e no caso de uma invasão o inimigo, para a ferir, terá de atravessar extensos tractos de territorio, cercado de perigos por todos os lados, e com poucas probabilidades de triumpho.

Desde Filippe II Madrid tem crescido successivamente em numero de habitantes, em riqueza e importancia, em edificios e monumentos, e na quantidade de seus estabelecimentos litterarios, scientificos e industriaes.

Não está Madrid isenta, como póde mui bem suppor-se, dos defeitos e inconvenientes communs a todas as antigas cidades da Europa, e ainda da America: e por isso, a par de muitas ruas largas, bem alinhadas, e guarnecidas de excellentes predios, taes como a de Alcalá, que é a mais formosa de todas, e póde comparar-se sem desvantagem ás melhores de Paris e Londres, encontram-se n'esta capital ruas tortuosas, estreitas, mal niveladas, becos e vielas immundas: entretanto estes desagradaveis contrastes vão desapparecendo, e o governo do reino visinho, seguindo o acertado exemplo das potencias mais adiantadas, tem-se desvelado em melhorar o aspecto architectonico e as condições hygienicas d'esta cidade, que aliás goza de ha muito da bem merecida reputação de ser uma das mais saudaveis da velha Europa.

São muitos os estabelecimentos publicos fundados n'esta capital, e bastantes os monumentos dignos da attenção do forasteiro curioso. Sem termos a louca pretenção de apontar todos, indicaremos os mais notaveis ao menos.

O palacio real avulta entre os mais sumptuosos: é um vasto edificio de elegante architectura e solida construcção, decorado interiormente com a grandeza e luxo proprios dos monarchas hespanhoes. Os palacios de alguns grandes são tambem dignos de

ver-se, encerrando muitos bellas galerias de quadros e outros objectos de arte egualmente preciosos. Estão collocados em bons edificios a administração dos correios e postas, a alfandega, o arsenal, rico de antigas armaduras, a moeda, o conselho de Castella, e o museu de artilharia.

Abunda tambem Madrid em estabelecimentos destinados ao estudo das sciencias, das letras e das artes: citaremos apenas as academias reaes das sciencias, das bellas artes, da lingua hespanhola, de historia, e de economia: sete bibliothecas, contendo a principal cêrca de duzentos mil volumes, muitos manuscriptos valiosos e medalhas de muito preço e raridade; galeria de pinturas; observatorio astronomico e meteorologico; jardim botanico; museu de sciencias naturaes; escholas de medicina, de cirurgia e de pharmacia; escholas para engenharia civil e militar; conservatorio de artes e officios; e o instituto de Santo Isidro, além de um grande numero de escholas destinadas á instrucção elementar, e ainda de muitos lyceus e gymnasios, tanto custeados pelo estado, como sustentados por particulares, em que se ensinam as linguas e os rudimentos das sciencias.

Como cidade eminentemente catholica que é, possue Madrid grande numero de templos, ermidas, capellas, e outros logares destinados ao culto divino. Não ha, porém, um só que sobresáia notavelmente pelo merecimento architectonico; todavia alguns são sumptuosos, e em geral todos ornados com decencia e riqueza, encontrando-se em muitos magnificos quadros e outros objectos preciosos.

Posto que Madrid não aspire á categoria de cidade manufactureira, possue bastantes fabricas, distinguindo-se entre todas pelo numero dos operarios ou pelo valor dos productos, a real fabrica de salitre, a dos tabacos, a de porcelana, e varias outras de tapeçarias, chapéos de seda e feltro, estofos de seda e cartas de jogar, de que se faz um enorme consummo em toda a Hespanha.

Apesar do systema de severa repressão que se ha seguido desde alguns annos pelo que respeita á imprensa periodica, é em Madrid que se publicam os mais noticiosos e importantes jornaes que sáem á luz em Hespanha, egualando alguns, assim nas condições materiaes, como na redacção e disposição, os mais lidos e mais curiosos que hoje se publicam na Europa: basta-nos citar em abono d'esta asserção o *Heraldo*, a *Nacion* e as *Novedades*. Algumas emprezas jornalisticas, como, por exemplo, a do ultimo diario citado, possuem boas typographias; além d'estas, porém, ha outras que trabalham com actividade, tendo nós visto edições de Madrid, que honrando os successores de Ibarra, não desdizem do melhor que n'este genero nos apresentam francezes, inglezes e allemães.

Madrid tem de circumferencia duas leguas e meia, pouco mais ou menos, sendo limitado o seu recinto por fracos muros, nos quaes se abrem algumas portas; de todas ellas sómente a que chamam de Alcalá, que é um magestoso arco de triumpho, nos parece propria da capital de uma tão vasta monarchia.

O Mançanares, humilde ribeiro que, só na occasião das grandes chuvas, apresenta algum vulto, é cortado por uma soberba ponte, mandada levantar por Filippe II. Fóra de portas encontram-se aprazíveis passeios como são o *Prado*, o *Retiro*, e o que se denomina *de las Delicias*.

Madrid contava em 1834, segundo o acreditado geographo Malte-Brun, 201:000 habitantes; Bouillet, no seu recentissimo Diccionario, calcula-lhe 300:000.

Quatro afamados poetas dramaticos, além de outros muitos escriptores, sabios, estadistas, e generaes, nasceram em Madrid: Lope de Vega, Calderon de la Barca, Quevedo Villegas e Moratin.

FILIPPE II E A NOBREZA PORTUGUEZA

DURANTE AS SUAS PRETENÇÕES AO THRONO DE PORTUGAL.

(Apontamentos de um livro inedito).

III.

Pouco antes da expedição de Portugal, a administração de Filippe II experimentára uma modificação completa. Antonio Perez fôra preso em 28 de julho de 1579, e n'esse mesmo dia chegavam a Madrid o cardeal Granvella e Juan Idiaquez, que a influencia dos anteriores ministros havia afastado da corte, e estes conjunctamente com Christovão de Moura dirigiram os negocios da monarchia, e tornaram-se os mais intimos conselheiros de Filippe II.

Mas dos tres era Christovão de Moura o que mais se insinuára no espirito do monarcha. N'uma relação d'um embaixador veneziano proclamam-no *a alma de Filippe*, e o rei fallando d'elle dizia que « nunca encontrára um homem tão digno de receber a confidencia das cousas mais importantes, tão respeitoso para com Deus, e para com o seu rei, tão desprovido de ambição, e de cubiça. » (1)

Não admira, portanto, que Filippe II na sua correspondencia com o seu ministro favorito, sáia da sua habitual reserva, e patenteie, sem rebuço, os arcanos d'aquella politica italiana, que não recuava diante de nenhum crime, e que tentava conseguir o seu fim, empregando quaesquer meios por mais torpes e iniquos.

N'uma carta em data de 25 de fevereiro e escripta de Madrid, dirigida aos dois embaixadores D. Christovão de Moura e o duque de Ossuna, o rei não procura dissimular, nem mesmo pelas subtilezas do estilo, o profundo cynismo das suas instrucções: « e assim antes de dar-lhes o recado (aos governadores de Portugal) procurae-os *ganhar e ter gratos a todos*, ou ao menos á maior parte, porque venham melhor ao que se pretende, e as ultimas palavras de ameaça que se dizem na vossa carta, me parece que é melhor que não se ponham nas minhas, e assim tenho intenção de ordenar, porque tudo quanto se fizer agora me parece que deve ser mui suave, e vós outros em particular lhes podereis dizer o que convenha a cada um, segundo o seu genio. »

E mais abaixo: « e assim que caminheis n'isto com muito tento sem em nada vos apressar, senão ter paciencia, e usar da vossa prudencia em saber temperar tudo, e leval-o por bem no que se pretende, usando para isso de todos os meios possiveis, e *ainda os impossiveis como eu uso aqui, e dar pressa a pôr as cousas em ordem.* »

Na mesma carta Filippe II recommenda que se continue a negociação com o senhor de Cascaes, que sendo nomeado governador do castello de S. Gião, promettêra entregal-o, quando a armada hespanhola se aproximasse de Lisboa.

N'outra carta de 2 de março do mesmo anno ordena a Christovão de Moura que suspenda as suas relações com Ruy Telles, visto que o que lhe pede é de muita consideração por « ser de juro, e sendo perpetuo de maior consequencia ainda. » Está bem, continúa elle, o que dizeis que tentaes com Jorge de

(1) Gonzalez de Avila — Chronica de Filippe III. Nas Relações do embaixador veneziano Contarini, do anno de 1593, encontram-se as seguintes reflexões ácerca dos dois principaes ministros de Filippe II, Idiaquez e Christovão de Moura: « Idiaquez, que tem visto muito o mundo, sabe contentar excellentemente aos que negoceiam com elle. Moura, que é portuguez, e que nunca saiu da Peninsula, é mais duro no seu trato. O primeiro, que trabalhou por muito tempo como secretario de estado, é mui versado no conhecimento dos negocios externos: o outro, que desenvolveu mui grande actividade na conquista de Portugal, é mais agradavel ao rei. Idiaquez recommenda-se por serviços mais longos, e por uma experiencia mais madura. Moura aproveita-se do cargo que possue na corte, e que lhe concede a estada nos aposentos do rei, para se encontrar frequentemente na sua presença.

Sousa, e será bem que continueis a tratar com todos os mais que tiverdes e forem de importancia com boas condições, e com que assegurem de cumprir o que offerecem em qualquer cousa de paz ou de guerra. »

Filippe II não hesita em aconselhar o systema de espionagem e delação como um expediente natural, e estranhando que um cavalheiro de Cordova, D. Diogo de Carcoma, estivesse ao serviço de D. Antonio, prior do Crato, sendo seu vassallo, acrescenta, *mas se quizer perseverar n'elle, poderá servir em vos avisar do que occorrer.* »

E a alta aristocracia de Hespanha, esses grandes fidalgos que outr'ora se haviam feito respeitar e temer da realeza, pensavam do mesmo modo, e pervertidos pelo exemplo do monarcha, não se pejavam de exercer esse mister, cuja abjecção e vileza não ha resultados futuros, por mais vantajosos e importantes, que attenuem, e possam remir. Filippe II enviava a Christovão de Moura uma copia da carta do marquez de Alga . . . , que lhe fôra dirigida, em que se lia este significativo trecho:

« Recebi a carta de v. m. de 28 do passado, e com ella a certeza de haver v. m. recebido as minhas de 14, 15 e 23 do mesmo, e entendido por ellas tudo o que se havia passado na estada do conde de Vimioso aqui, e por todo o Portugal: deu-me cuidado, que é razão que haja v. m. entendido que o dito conde, contra a boa esperança que d'elle se tinha, ou promettiam as boas palavras que deu ao duque de Medina Sidonia, que não sei quaes são, e a boa vontade e zelo que a mim me certificava que tinha ao serviço de v. m. e o agradecimento da mercê que Pedro Venegas, por mandado de v. m. lhe fez em Africa, haja dado signaes e mostras differentes das que aqui tinha, e notavamos. Elle não saiu da minha casa vez nenhuma que não fosse commigo, e em publico, nem em secreto, entendi nem soube que tratasse cousa que podesse julgar-se suspeitosa: com o marquez de Aunon fallou uma vez secretamente. . . . praticando commigo d'estas cousas disse-me que chegado a Portugal de necessidade havia de mostrar differente vontade do que a que tinha para que se fiassem mais d'elle, e conhecesse as de todos, e podesse melhor servir a v. m., e porque isto me pareceu demasiada e suspeitosa prevenção não o escrevi a v. m. e para entender o que n'isto ha, e se depois que chegou serviu n'alguma cousa a v. m. determinei *de enviar aonde está um criado meu antigo que conheço, e tenho por mui fiel e sufficiente para entender e comprehender ao conde a sua vontade*, a qual se elle a ha de descobrir e manifestar a alguem, na minha ausencia, será a este, porque o tem em muita e boa opinião e honra para tratar com elle, e fiar-lhe qualquer segredo. » (1)

A importancia que Filippe II ligava á posse de Portugal, manifesta-se completamente nos acontecimentos que depois succederam. Apenas senhor dos seus immensos recursos maritimos, e das suas vastas colonias, empenha-se ardentemente no pensamento de fundar a monarchia universal, e torna-se o mais infatigavel campeão do catholicismo. Nos ultimos quinze annos do seu reinado a sua actividade não desfallece um instante: fomentando as guerras civis de França, e suppondo possivel aggregar aquelle reino ás possessões da sua casa, manda sobre as costas de Inglaterra a *invencivel armada*, que saiu do porto de Lisboa, e continúa nos Paizes Baixos aquelle systema de exterminio, que a final lhe deram a posse não de populações industriosas e activas, mas de cidades e villas em ruinas, e de campos desertos e devastados. O seu despotismo torna-se cada vez mais

(1) Copia de la carta del marques de Alga . . . . a su mag. de Sevilha a 2 de abril de 1580 — Archivo de Simancas — Copia da bibliotheca real de Madrid.

oppressivo e violento no seio do seu proprio paiz: no anno de 1593 supprime as liberdades seculares de Aragão, irritado pela protecção que as cortes e o Justicia-Mayor deram ao seu compatriota Antonio Perez: em 1594, mais de duzentas cidades, villas e burgos na Castella recusavam pagar os impostos, porque succumbiam exhauridas pelas exigencias de um fisco insaciavel. (1)

Filippe II empregou todos os esforços para se apoderar pacificamente de Portugal. Receava que uma prolongada resistencia n'um paiz, que lhe ficava tão visinho, o impedisse de proseguir com a devida energia as guerras no exterior; e o seu espirito sobresaltava-se por ventura recordando-se de Aljubarrota, Atoleiros, e Trancoso, gloriosas batalhas que nos haviam emancipado do dominio de Castella, em epochas anteriores, e que demonstravam o vigor do nosso indomavel patriotismo.

Os seus agentes e elle proprio haviam tomado optimamente as suas medidas. N'uma carta de 28 de dezembro de 1579 Filippe II felicitava o duque de Medina-Sidonia por ter reduzido ao seu serviço nas trinta e duas legoas de que se compunha o seu districto, os povos de vinte e uma. (2) Christovão de Moura avisava-o minuciosamente das intelligencias que possuia com as cidades importantes: « Em Evora temos mais firmeza, porque as pessoas principaes todas me são affeiçoadas a mim, que são D. Diogo de Castro, o seu filho mais velho, Fernando da Silveira, thesoureiro de Christo, D. Francisco Mascaranhas, João Mendes de Vasconcellos, que agora veiu aqui a ver-se commigo. . . .

« Ao pé de Coimbra temos a Guarda, cujos procuradores são de v. m. e o mesmo o que possue a tenencia. Tambem está ao pé Montemór-o-Velho, cujos procuradores tratam commigo de dar entrada á gente de v. m. » (3)

Os grandes de Portugal acceitavam tão gostosamente, ao que parece, este ignobil leilão, que se julgavam offendidos no seu amor-proprio nacional quando o lanço não subia bastante alto: « Recebi os papeis que enviou D. Jorge (D. Jorge de Sousa), escreve Christovão de Moura a Filippe II: por todas estas cousas conhecerá v. m. quem é este: tudo são mysterios, e dentro não ha nada: ha dias imaginou que eu lhe havia estorvado uma grande mercê que v. m. lhe fazia, e começou a apregoar isto dizendo que *eu não me contentava de ganhar este reino para v. m., senão que procurava que fosse mui barato*, e *por esta occasião quiz indispor-me com os meus companheiros* . . . . (4)

N'outra carta em 14 de abril de 1580, Christovão de Moura aconselhava a Filippe II que escrevesse, do seu proprio punho, a diversos personagens, que haviam abraçado o partido de Castella: « Além d'estas cartas deve v. m. escrever aos bispos que não se achavam presentes quando se deu a carta ao braço ecclesiastico, que são: o arcebispo de Braga, o bispo do Porto, o bispo de Vizeu, o bispo de Elvas, o bispo do Algarve Osorio, agradecendo-lhe o que escreveu ao rei D. Henrique; o bispo da Guarda, ainda que seja inimigo.

« Tambem convem escrever em particular aos se-

(1) Ranke — L'Espagne sous Charles-Quint, Filippe II, Filippe III.

(2) Duque primo: He recibido vuestras cartas de 12, 13, 17, y 19 del presente, y entendido por ellas y por la relacion que Zayas me ha hecho de algunas particularidades, que á él le habeis escripto, cuanto desas partes descubra saber, y señaladamente la entrega de la ciudad y puerto de Faro, y villas de Alcontin, Castro Marin, Cacela, Portiman y Mertola, y ultimamente de la ciudad de Lagos: de manera que, como decis de los treinta y dos legoas de vuestro districto, teniades allanados y reducidos a mi servicio todos los pueblos de las veinte e una . . . .

Copiado do original no archivo do marquez de Villa Franca. Colecion de Documentos Ineditos para la Historia de España — Tomo XXVII.

(3) Carta de D. Christovão de Moura a Filippe II em 5 de fevereiro de 1580. Archivo de Simancas — Copia da bibliotheca real de Madrid.

(4) Carta de D. Christovão de Moura a Filippe II em 22 de março de 1580 — *Ibidem*.

nhores de titulo: marquez de Villa Real, conde de Mira, conde da Feira, conde da Vidigueira, conde da Portella, conde da Calheta, conde da Castanheira. Tambem se deve escrever aos mais *graúdos* cavalheiros que agora estão no reino, que são netos e filhos de titulares: barão d'Alvito; D. Antonio de Castro, senhor de Cascaes; D. Fernando de Noronha, senhor de Linhares; D. Duarte de Menezes, senhor de Tarouca; D. Duarte de Castello Branco; D. Diogo de Sousa; D. Diogo de Menezes; D. Pedro Coutinho; D. Pedro de Menezes; D. Diogo de Castro, e D. Fernando seu filho; Commendador-Mór de Christo; Fernando da Silveira, thesoureiro; D. Luiz de Lencastre; Bernardino de Tavora; Francisco de Sousa Tavares; e venham além d'estas cartas *algumas em branco, e cá se lhes poderá pôr os sobrescriptos para as pessoas a quem convier dal-as.* »

Os populares, as classes medias, e essa parte da fidalguia, que existindo afastada da corrupção da corte, e entregue aos cuidados de uma vida laboriosa, se sentia portugueza, pela tradição, e pelo sentimento, repelliam com indignação os artificios de uma politica tão perfida.

N'alguns mesmo, o amor da patria excedia, ou pelo menos, tornava menos exclusivo o fervor religioso. « Hontem de manhã, escreve Christovão de Moura n'uma carta a Filippe II em 14 de abril de 1580, tiveram conselho de estado, e n'elle se propoz que seria mui bem ajudar-se de mouros e hereges para resistir a v. m., porque a fé em Portugal *consiste em defender a sua liberdade:* foi esta proposta mui mal recebida pelos amigos *que são a maior parte,* ainda que não tão resistente como a todos convem que comtudo se resolveu que se tratasse logo de tratar pazes com o xarife, que se procurasse com elle que enviasse guarnição tão reforçada a Larache e a todas aquellas partes, que v. m. podesse temer que se atreveriam a passar a Hespanha, se o vissem occupado em outra cousa: e ainda que os nossos amigos pensaram que haviamos feito muito em evitar que não passassem logo cá os mouros, nem os inglezes com quem tambem querem tratar, outro dia voltarão os inimigos a proseguir esta pratica, e sairão com ella, *ainda que os quatro governadores estiveram mais firmes do que nunca em resistir-lhe:* esta é a gente que pede justiça. »

Resoluções como esta, e que poderiam levar-lhe a guerra ao seio dos seus proprios estados, é que Filippe II procurava evitar por todos os meios; e n'este intuito continuava a semear o ouro e as promessas, subornando esses grandes fidalgos que o fanatismo e o luxo embrutecêra e depravára, e para os quaes era indifferente o senhor a quem deviam servir, com tanto que elle lhes podesse manter a opulencia e conservar a posição social que haviam adquirido.

Os protestantes da Rochella tentaram ligar-se com Portugal, ainda durante a vida do cardeal rei, e promettiam ajudar-nos contra a Hespanha, mediante certas vantagens commerciaes. O consul flamengo propunha ás cortes (14 de fevereiro de 1580) dar de prompto ao estado dois mil arcabuzes, e mandar vir tres mil corpos de armas, no espaço de dois mezes, para se organisar o exercito. Ao mesmo tempo, Filippe II manifestava receios de que os inglezes, de acordo com os seus adversarios de Portugal, se apoderassem dos Açores e da Madeira, pontos de summa importancia para a navegação das Indias. (¹)

Mas os governadores, juntamente com os partidarios influentes de Filippe II, tinham levado a administração do estado á mais deploravel confusão. Nos primeiros dias de março de 1580, segundo escrevia Christovão de Moura, não existiam em Lisboa mais de cento e trinta quintaes de polvora, que se iam repartindo com alguns arcabuzes pelo reino: os individuos nomeados para os diversos corpos deixavam-se ficar, apresentando diversos pretextos: o proprio viso-rei apontado para o governo da India n'aquelle anno recusava-se a partir para o seu destino, e não havia armada que o conduzisse. (¹)

O memorial apresentado por Christovão de Moura ás cortes « das graças e mercês que o rei meu senhor concede a estes reinos, quando for jurado por rei e senhor d'elles, em que se incluem as que concedeu o serenissimo rei D. Manoel, anno de 1499, e outras de grande importancia para o bem universal e particular d'elles » devia contribuir para attrahir ao partido de Castella os que ainda hesitavam em pronunciar-se.

As concessões feitas no memorial eram de tal ordem, que tornavam Portugal politica e administrativamente independente de Castella; mas além d'isso, Filippe II, querendo lisongear a população de Lisboa, offerecia 300:000 ducados para se applicarem ás seguintes cousas: 120:000 para resgate de captivos, á discrição da Misericordia de Lisboa, sendo metade para remir fidalgos e pessoas communs que fossem portuguezes: 150:000 para instituir e acrescentar expostos nos logares necessitados, como o ordenasse a camara de Lisboa: e os 30:000 restantes, para remediar a enfermidade, que então devastava o reino, sendo distribuidos por ordem do arcebispo e camara de Lisboa.

O memorial findava com esta seductora apostrophe: « Que por corresponder ao amor que os naturaes d'estes reinos tem aos seus principes, quizera muito o rei meu senhor poder-lhes prometter de residir ordinariamente n'elles; que se bem o governo dos outros reinos e estados que Deus lhe concedeu, impede o effeito da sua vontade, todavia lhes offerece que procurará estar n'este reino o mais tempo que poder, e não havendo occasião que lh'o estorve deixará aqui ao principe meu senhor para que criando-se entre portuguezes os conheça, estime e ame como s. m. o faz: feito em Almeirim a 20 de março de 1580. »

Os negocios de Filippe II saíram exactamente como elle desejava. As principaes cidades e villas entregaram-se sem resistencia aos hespanhoes. D. Antonio, prior do Crato, apenas pôde conter na ponte de Alcantara, por pouco tempo, e á testa de quatro mil populares indisciplinados, o impeto dos velhos terços de infanteria hespanhola, commandados por eminentes capitães, como o duque d'Alva e Sancho de Avila. Filippe II, apenas entrado em Lisboa, proclamára rebeldes os seguintes individuos, cujos nomes publicâmos, como homenagem á sua memoria: D. Antonio, prior do Crato; D. Francisco, conde de Vimioso; D. Manoel de Portugal; D. Pedro de Menezes; Fernando de Menezes; Manoel da Silva; Diogo Botelho; Antonio Teixeira; Jeronimo Coutinho; D. Jeronimo de Menezes; D. Antonio de Menezes; Phebo Moniz; Antonio Moniz Barreto; João Rodrigues de Sousa; Duarte de Lemos; Antonio de Sousa Lamego; Duarte de Castro; Antonio de Brito Pimentel; Pedro Lopes; Amado de Queiroz; João Gonçalves da Camara; Antonio da Silva de Azevedo; Manoel Mendes de Vasconcellos; Manoel da Costa; Jorge Amaral; Antonio Baracho; Gabriel Baracho; Pedro Barbas; André

(¹) Carta de Filippe II a Christovão de Moura em 25 de fevereiro de 1580: « Tambem me avisaram que em Portugal disseram que tratavam de dar as ilhas dos Açores e da Madeira aos inglezes, ainda que não creio que façam tal cousa e tão damnosa á viagem das Indias; todavia ficareis advertido para entender se se trata d'isso ».

(¹) Ao presente não ha em Lisboa 130 quintaes de polvora e poucos arcabuzes, e estes se vão repartindo pelo reino, e com cada um enviam duas libras de polvora sem poder dar-lhes mais um grão: as pessoas que estavam apontadas para ir ás comarcas nunca se decidem a sair, porque entendendo o perigo em que se põem pedem cousas para a jornada que n'este tempo são impossiveis, e com isto é tanta a confusão que corre, que não se póde encarecer a v. m. a lastima que temos que nos passe tão boa occasião. Carta de Christovão de Moura a Filippe II em 5 de março de 1580.

Gonçalves de Macedo; Manoel da Fonseca Nobrega; Manoel Pessoa; João Bocarro de Serpa; Pedro da Ribeira; D. Francisco da Costa.

RELIGIOSOS.

O bispo da Guarda; dr. Affonso Henriques; João Rodrigues de Vasco; Simão Mascarenhas de Evora; Antonio de Queiroz; frei Manoel da Costa; frei Estevão Leitão; frei Luiz de Sotto-Maior; frei Gonçalo da Fonseca, agostinho; frei Diogo Carlos, franciscano; frei Jeronimo de Santa Cruz; frei Estevão Pinheiro, carmelita. (1)

Dos nobres só um titular; do clero só um bispo: eis os factos eloquentes que pintam a profunda corrupção das classes superiores n'essa epocha nefasta.

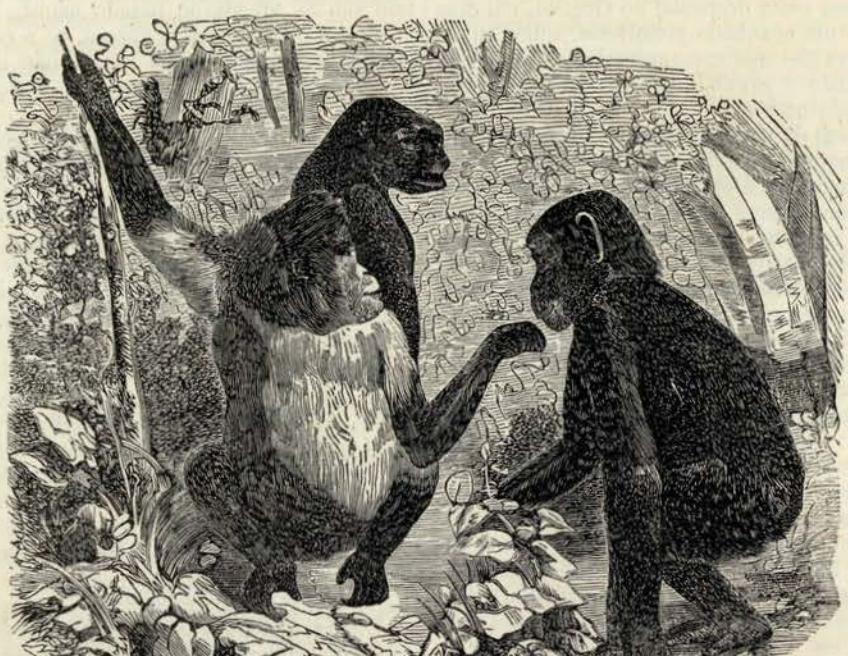
A. P. LOPES DE MENDONÇA.

GORILLES, ORANGOS E CHIMPAZÉS.

O macaco *(simius)* fórma a primeira familia dos mammiferos, da ordem dos quadrumanos: n'esta familia comtudo ha innumeras variedades, provindas da America e da Africa, sendo a que os naturalistas denominam anthropomorpha, a que parece comprehender animaes que se assimilham mais ao homem nas fórmas exteriores e na intelligencia.

Gorilles, orangos e chimpazés são as especies, n'este sentido, mais afamadas, e até já houve quem se atrevesse a achar-lhes tanta affinidade com o homem, que apenas faltava marcar o grão de parentesco!

Viajantes credulos, pouco instruidos ou quiçá menos sinceros, tem tambem concorrido para divulgar a erronea opinião de que os macacos representam uma raça degenerada de homens. Fundaram-se esses



Orango, Chimpazé. Gorille.

taes na fórma do craneo, na disposição dos olhos, na perfeição das orelhas e das mãos, e no numero dos dentes, repartidos, como os nossos, em incisivos, caninos e molares. Tambem o proprio Linneo, com ser um tão grande sabio, parece preoccupado d'esta extravagante idéa.

Estudos mais conscienciosos ou mais desprevenidos tem demonstrado quanto é fallaz similhante supposição; e nós diremos com o dr. Kaime: Entre o mais rude e abjecto negro e o macaco mais esperto e ladino, ha um abysmo, o abysmo da razão.

Não nos deteremos em descrever miudamente um animal, que é tão conhecido e vulgar em Portugal, posto que não seja natural d'este paiz; os exemplares que apresentâmos são na realidade os mais perfeitos, e a gravura está bastante clara para nos poupar a uma descripção, de que não proviria proveito algum.

(1) Não nos responsabilisâmos pela perfeita exactidão d'estes nomes que publicâmos, porque foram extrahidos de uma chronica inedita em hespanhol, que tem por titulo — Descricion de las cosas succedidas en los reinos de Portugal desde la jornada que el-rey Don Sebastian hizo en Africa hasta que el invictisimo rey catholico Don Felipe II deste nombre N. S. quedó universal y pacifico heredero dellos, con la conquista de la Tercera y las demas islas. Recopilada por el Lic. D. Diego Queipo de Sotomaior — da bibliotheca real de Madrid, e de que a academia real das sciencias possue uma copia. A duvida, entretanto, se a houver, é sobre tres ou quatro nomes, porque os mais estão distincta e correctamente escriptos

O RENEGADO.

I.

Era ao cair da tarde.

Melancholia, desce ao meu coração, que o dia findou. Vagaroso e triste se escondeu o sol, como desterrado que abandona a patria; e na aragem tepida, na accesa nuvem, deixa saudades e promette amores. Um mar de sombras se desdobra então por cima dos campos; em densos crepes envolve o monte a sua coroa d'ouro; e o ceo, crivando-se de scintillantes lumes, promette socêgo ao campanario proximo, que suspira ternuras e adormece.

Hora de contemplação e enlêvo, eu adoro o teu

crepusculo, embora em trevas logo desmaie: deve o jubilo ser menos querido, porque de perto o ameaçam desgostos? Hora em que a imaginação se accende, nos teus prestigios arrebata a minha alma, e solta-lhe o vôo pelo mundo infinito, onde se falla aos anjos, e se não sente a vida.

Responde, meu idolo: não tens provado, nos pezares do amor, intimas doçuras, e a languidez suave, que a alma gosta de padecer? Não tens chorado ás vezes lagrimas, que mais te agradam, do que o prazer que te induza a rir? Absorto em fundo pensar, mas sereno e meigo, é a essa hora que eu mais affago a minha tristeza, e concedo ao coração a vida, que é melhor de sonhar que de soffrer. Mas tal existir, se eleva a alma, macera as faces, e amortece o olhar. Não te captivem as doces vaidades do sentimento; foge das sombras, e vôa sorrindo, para que digam ao verem-te — vae um anjo alli.

II.

Comecemos. No cimo d'um escarpado promontorio, que a nossa costa despenha no Oceano, em eras remotas havia um acanhado eremiterio, quasi sumido na espessura das urzes, emmaranhadas e negras, e como imitando a grenha medonha d'aquelle gigante debruçado no mar.

O aspero local da misera vivenda, e o mesmo empenho de permanecer occulta em horrendos estorvos, como que desmentiam o plausivel motivo do seu existir: ninguem diria que a fabricára uma intenção piedosa, ou uma ingenua consciencia: faria antes suppor, que para alli arrojada por um anjo précito, parára de susto á beira do abysmo, como sustida na esperança de ainda obter a indulgencia divina.

Por alta noite o viandante tardio, que se afoutasse por aquelles desvios, ouvia além, para as bandas da serra, uns queixumes e prantos sentidos, que mais pareciam de alma penada, do que proprios de um peito humano: e depois por entre as fragas e brenhas passeava uma chamma sanguinea, que nem o vento apagava, nem os mais infalliveis conjuros conseguiam espantar. Ora como a imaginação, não sei se para isso naturalmente disposta, raras vezes repelle o que mais horrivel lhe parece, acontecia que os cabellos do espantado serrano nunca deixavam de se arripiar, e de se lhe converterem as pernas em azas, tão ageis elle as movia em caminho para casa, onde, todo esbaforido e ainda assombrado, referia perante um auditorio compacto de mulher, filhos e visinhos, o imprevisto encontro com o avejão, desenhado com as mais exaggeradas negruras e pavorosos episodios, a que o incitavam as interjeições de terror, que, supprindo outros applausos, lhe incendiavam o estro, e o empenho de se aparentar salvo por milagre. Nem d'entre aquella pinha de credulos ouvintes a mais timida refutação ousava surdir; que todos, enlevados nos attractivos proprios do que é inverosimil, nem atinavam como exprimiriam os protestos de inteira crença. E nem um só de quantos saiam por aquella porta, cuidava mais do que em divulgar, e encarecer com todos os recursos da sua phantasia, aquelle acervo de insólitos horrores, que os fascinava de maravilhoso que era.

Succedia então que o conto, por andar muito repetido, ficava dentro em pouco por tal modo desfigurado, que á falta de o conhecerem, já o reputavam nova e recente apparição de outras prodigiosas visões. Estes sustos tão continuados justificavam pois a admiração, com que todos viam a indifferença, ou antes a intrepidez do habitante do eremiterio, que tão de perto observava estes nefandos mysterios.

Quem seria elle?

Eis uma pergunta que nunca obtinha respostas identicas.

Affirmavam uns que era um desditoso, que, em testimunho de aversão ao mundo, escolhêra aquella extremidade de terra, de que ainda assim parecia disposto a fugir. Diziam outros que um grande peccador alli se abrigava, entregue á mais austera penitencia.

E com effeito retiro mais adequado ao intuito de purificar-se, não o poderia encontrar a alma criminosa: se lhe dizia a terra ingratidão, e o ceo lhe promettia clemencia, ouvia troar no Oceano, como ameaça opportuna, a cholera immensa de Deus.

III.

Escurecia.

Curvado por desgostos acerbos, que não pelos annos, por uma das veredas da serra lentamente descia um cenobita, que tal o suppomos pelo grosso e comprido saial, que, muito desfeito pelo uso, mal lhe vestia o corpo macilento e debil; o discernimento e altivez, que lhe allumiavam o rosto livido, e abatido sob as pregas do pesado capuz, por certo lhe grangeariam respeitos e apreço, se o convulso apertar dos labios, por vezes reprimindo um gemido, e o seu olhar torvo e inquieto, não trahissem um remorso.

O ancião parou, como deliciado pela brisa, que tão perfumada se espargia pelos campos, que faria lembrar o proprio halito das flores: com a anciedade do soffrimento, aspirou aquelle soprar timido e sereno, que docemente o ameigava, e lhe dizia ternuras; mas ai! breve foi o sorriso que lhe aqueceu os labios; apagou-se em tristeza, similhante ao clarão do relampago, que fuzila sómente como para ennegrecer mais os horrores da tempestade.

E como se n'aquelle refrigerio presentisse a ameaça de novas angustias, o solitario evadiu-se ao encanto, e tremulo levou as mãos ao coração, onde lhe doeu talvez a certeza de que não merecia a consolação d'um prazer; e depois de cerrar um instante os olhos, para se esquivar a uma recordação pungente, que d'um suspiro intimo fez a expressão sublime e eloquente d'um padecer sem allivios, continuou a descer.

Mas chorava amargamente.

Veneração ao infortunio: nem só á candura se erga um throno. Aquella pobre alma, em estreita lucta com os seus crimes, de si propria algoz, recebia aggravos d'onde esperára consolação.

IV.

Mas o monge parecia affeito a percorrer aquelle caminho — que, similhante ao da vida, era cortado de perigos e estorvos — tão cauteloso se arredava d'este abysmo, que se lhe abria aos pés, como evitava aquelle penedo agudo e ameaçador, que parecia sair-lhe ao encontro para o deter.

Apenas dobrou o bôjo da montanha, deitou a andar mais ligeiro, encarando o magestoso aspecto d'um edificio, que, meio alluido e mal sustendo delgados pedaços de muralhas, se avistava de longe, á maneira d'um esqueleto gigantesco, que de subito surgisse impondo preceitos.

Foi pouco depois que, no silencio das ruinas, as aves nocturnas, presentindo ruido, esvoaçaram soltando gritos d'indignação contra o importuno, que lhes invadia o asylo; mas longe de se atemorisar, o cenobita, indifferente a taes investidas, atravessou aquelles altibaixos de entulho e traves denegridas, e desappareceu por uma arcada sombria e extensa.

E a lua deslisava esquivando-se por entre montes de nuvens, como a virgem que, na timidez do primeiro amor, vae cautelosa ao encontro do amante.

V.

Assim como aos esplendores do dia succedem as trevas, ao reinado glorioso de D. Affonso VI de Leão e Castella sobreveiu o desordenado tumultuar de sedições e discordias, lamentaveis trevas, em que os laços sociaes se desconheciam na travada lucta de ambições e vinganças atrozes.

Não houve barão, alcaide ou prestameiro, que, desassombrado do temido predominio do heroe, se não presumisse idoneo para occupar aquelle throno de que elle baqueára só quando morto. Mil pendões se desfraldaram arrogantes, proclamando pilhagens e destruição; e em desapiedada guerra de bandos, pois assumiam todos a dignidade de chefes, em detrimento de amigos e irmãos, semeavam-se dissensões e aggravos, para se usurpar o que ao mais fraco escapava com a vida, que raras vezes com a obediencia.

A devassidão de D. Urraca, filha do fallecido rei, e a ferocidade de D. Affonso d'Aragão, seu esposo, destruindo a influencia salutar da soberania, eram antes incentivos que mais ateavam a cubiça e o desaforo dos revoltosos.

E os musulmanos, exultando no ocio, que lhes permittiam estas luctas fratricidas, espreitando dissimulados e perfidos a agonia extrema da Hespanha goda, aguardavam o favoravel ensejo para reconquistarem as provincias, que ao esforço christão elles haviam cedido.

Não o quiz Deus.

VI.

Acotovelando as villas e burgos mouriscos, erguiam-se então disseminados por toda a peninsula, á maneira de provocadores doestos, muitos castellos e alcaçovas formidaveis, recentes conquistas dos audazes descendentes dos que em Covadonga juraram o completo exterminio dos sectarios do islam.

Entre as mais tremendas fortalezas, que, similhantes a campeões destemidos, saiam a terreiro offerecendo combates, ou que vigilantes, como sentinellas perdidas, observavam os arraiaes inimigos, se assignalava o Castro, que dos circumvisinhos merecêra o epitheto de ninho dos gigantes, pois a não o serem seus habitadores, não resultariam tão vastos estragos das suas correrias e irresistiveis assaltos.

Erguido sobre um combro alteroso, no intuito de infundir já de longe a veneração e temor, alçava-se elle em muralhas denteadas de ameias e miradouros, e encravado nas aguas lodosas e fundas d'uma espaçosa cárcova, que o cingia como annel protector. Na espalda d'uma mais recolhida e larga barreira, mascarada por altas barbacans, se empinava uma torre circular e esguia, crivada de troneiras, e terminando n'um eirado, onde estavam assestadas duas enormes manganellas, em posição de arremessarem pedras e alcanzias de fogo sobre as vineas e catapultas, que ousassem picar as cortinas do baluarte. A unica entrada, designada pela ponte levadiça, abria-a uma porta estreita, defendida por bem dispostas tranqueiras, e quasi oppressa pelo vulto pesado e bojante da torre de menagem.

E o burgo, na maioria habitado por mouros, lá em baixo, rasteiro e encolhido, olhava-o com o acatamento dissimulado do escravo, quando, constrangido a adorar o idolo que detesta, exasperado no seu odio, curva-se humilde e só cogita no modo de o derribar.

E nos abysmos que se formam as exhalações mephyticas e esses crassos vapores, que sobem ousados a empanar o sol, e a derramarem as pestes e tormentas.

VII.

— «Porque me não abandona a vida, se me fugiu a esperança de ser feliz? Vergando ao peso da minha tristeza, cadaver mobil a existencia arrasto. Está só no tumulo o meu socego. Alli, vigiado por uma cruz, quando a lua pratear a lousa, o forasteiro não lerá saudades, nem um adeus pelo mundo offerto. Durma embora aos rigores do tempo, em alta serra escalvada e erma, sem carinhos na pedra escriptos, quem não viu encantos na vida, e martyr de viver cansou. Á tua sombra, minha fiel cruz, dormirei o lethargo eterno: vive altiva da solidão soberana, e attesta ao raio que te ameaça, á crespa onda, que indignada estoura contra o penedo, que o trovão sacode, attesta á nuvem que ligeira foge, que o que vivo já alli não está, misero acabou de ser, que a sua ambição era esta só.»

E o mancebo, extasiado na sua dor, parou como ouvindo a resposta que aos seus pensamentos davam as rajadas de vento, zunindo por entre os estevaes mirrados d'aquellas gândaras, devastadas pelos furores da guerra: pareceu-lhe ouvir a voz da desolação applaudindo as suas idéas de morte.

Vivo transporte irradiando então da sua alma lhe fuzilou nos olhos negros, e se lhe diffundiu pelo semblante moreno e altivo: nos labios tremeram-lhe inarticulados sons, e como acercando-se d'um ente invisivel, e que lhe aprazia, estendeu o braço e sorriu.

Confusa harmonia de canticos e applausos, partindo dos lados do castello, e repellida pelo vento para os echos do espaço, o despertou em breve d'aquelle meditar. No fundo escuro da noite desenhava-se o contorno da soberba alcáçova, jorrando luz por todas as janellas, como se fosse monstro disforme que dos olhos scintillantes lançasse ás aguas da cárcova serpentes de fogo.

O castello pernoitava em festa.

O mancebo, encarando-o, sobresaltou-se, como aos primeiros lampejos do dia se intimida o espectro, que, cumprindo fatal penitencia, por alta noite surge do sepulchro, e vagueia carpindo-se.

Trocadas as formaes perguntas, e ouvida a senha ajustada pelos esculcas e vigias, que guardavam os adarves, desceu um dos roldas, que baixou a ponte, e deu ingresso ao mancebo.

Acompanhemol-o.

(*Continúa*). J. G. DOS SANTOS LIMA.

O ALOES.

Originario da Africa, o áloes (*aloe vulgaris, aloe perfoliata*) foi transplantado para a Asia, para a America, e até para a Sicilia, e para algumas provincias da Hespanha, onde se naturalisou, e póde crescer espontaneamente.

A raiz d'esta planta vivaz é carnuda, pardacenta, e cheia de numerosas radiculas; a haste tem um pé de altura, pouco mais ou menos. As folhas são espessas, do comprimento de sete a oito pollegadas, e cêrca de tres pollegadas de largura na base; ponteagudas, ovaes, e mui similhantes ás da nossa piteira vulgar. As flores são dispostas em corymbo, n'uma hasteasinha simples e cylindrica. Tanto as flores como a haste apresentam uma bella côr de laranja; as folhas são verde-claras.

O fructo é uma capsula oblonga, dividida interiormente em tres repartimentos, que contém grãos semicirculares, angulosos e achatados.

O áloes occupa um dos primeiros logares entre as plantas succulentas ou gordas. Cultiva-se o áloes no Cabo da Boa Esperança, na Jamaica e na Barbada, com o fim principal de extrahir-lhe o precioso succo. De ordinario extrahe-se fazendo-se incisões na base das folhas, onde ellas tem mais espessura. O liquido amarello-esverdeado, que abundantemente estillam, é submettido á dessiccação, já ao sol, já ao lume.

Constitue então um corpo brilhante, vitreo, algum tanto transparente, a que damos o nome de *áloes succotrino*. Cortam-se em bocadinhos as folhas que já não distillam, e fazem-se ferver em certa quantidade de agua. O áloes que se obtem por este processo é menos puro, menos brilhante a sua superficie, mais carregada a côr, similhante á do figado, dando-se-lhe por isso o nome de *áloes hepatico*. Finalmente sujeita-se a nova ebullição o residuo depositado pelo áloes hepatico; ajuntam-se-lhe diversos corpos estranhos, já para augmentar o volume, já para lhe acrescentar o peso. O resultado é uma massa negra, cheia de impurezas, exclusivamente destinada para usos veterinarios, como o indica o nome: *áloes caballino*.



O Áloes.

Os processos que acabâmos de descrever são os mais usados, mas não são os unicos; experimentando algumas, bem que poucas, modificações nos diversos paizes em que se extrahe o áloes.

É realmente a mesma planta que dá as tres especies de succos, ou são estes extrahidos de differentes variedades de áloes? Esta ultima opinião parece confirmada pelo testimunho de alguns viajantes. Desde alguns annos, é conhecida uma quarta sorte de áloes, mais brilhante, mais transparente que as outras, e por esta razão se lhe chamou *áloes lucido*; extrahe-se no Cabo da Boa Esperança do *aloe spicata*, de Thurnberg.

O succo gommo-resinoso do áloes exhala um cheiro especial, penetrante, quasi nauseabundo. Opéra com muita promptidão e energia sobre o tubo alimentar, e com certa predilecção sobre a parte inferior d'este canal, podendo ser de grande auxilio para a medicina, quando applicado com prudencia por facultativo experimentado e cauteloso, mórmente nas affecções verminosas.

Com excellente resultado se emprega tambem o áloes nas artes e na economia domestica.

As folhas exhauridas de succo são um excellente estrume.

Com elle se prepara um verniz que preserva dos insectos os moveis, os leitos, as collecções de historia natural, etc.

O dr. Poerner obteve excellente côr parda, immergindo simplesmente uma peça de lã na decocção do áloes.

Fabbroni, sabio distincto de Florença, conseguiu tambem com o *áloes succotrino* tingir seda, sem o auxilio de mordentes, de uma côr violeta muito fixa. O mesmo succo, engrossado convenientemente, proporciona aos miniatores uma linda côr transparente.

Algumas especies de áloes crescem extraordinariamente, lançando folhas enormes impregnadas de um succo adocicado; e assevera-se que se podem fabricar com estas plantas diversos tecidos, e outros productos apreciaveis.

HONRAS TRIBUTADAS NA CHINA AOS MANDARINS, OFFERECENDO-LHES BOTAS.

Ha no imperio celeste um costume, que por mui singular nos parece digno de ser consignado nas columnas d'este semanario.

Quando qualquer mandarim, que bem merece do povo, termina o tempo da sua administração, que de ordinario é de tres annos, costumam os bons cidadãos irem ao seu encontro á saída das portas da cidade no dia em que se retira, para offerecer-lhe em nome dos habitantes um par de botas novas de setim que lhe calçam, tirando-lhe as que leva para as pendurarem nas portas da povoação, como preciosa lembrança e monumento do seu merito.

É antiquissimo este uso, que permitte fazer-se facilmente a estatistica dos bons mandarins da China, pelo numero de pares de botas velhas pendentes da abobada dos portaes das suas cidades.

Os chapeos cardinalicios que ornam as paredes dos templos catholicos, onde jaz sepultado algum d'aquelles principes da egreja, e o par de botas novas que o mosteiro de Alcobaça offerecia como propina aos nossos antigos monarchas, quando o visitavam, tem alguns resaibos d'este celebre costume chinez.

C.

Não se deve julgar dos homens, como de um quadro ou de uma figura, por uma primeira e rapida vista. Ha um interior, que é necessario penetrar; um coração, que é preciso sondar. O véo da modestia encobre o merecimento, a mascara da hypocrisia encobre a perversidade. Não é senão pouco a pouco, e com o auxilio poderoso do tempo e das occasiões, que o vicio consummado, assim como a virtude perfeita, vem em fim a declarar-se.

BASTOS.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Virtude e saber são ornatos que reciprocamente se adornam.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4, B.